

TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO - 2005

MÍDIA, FAMÍLIA E RELIGIÃO: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO DA CRIANÇA

DANIELSON ROALY SILVA

Bacharel em Teologia e Comunicação Social pelo Unasp, Campus Engenheiro Coelho, SP

TCC apresentado em dezembro de 2005

Orientador: Ms. Vanderlei Dorneles

danielson_rs@hotmail.com

RESUMO: A proposta deste estudo é compreender o tipo de influência que a televisão exerce sobre o desenvolvimento religioso da criança. Esse trabalho parte de dois pressupostos básicos: (1) a televisão afeta o desenvolvimento da criança. E essa influência se dá nos hábitos, no comportamento, nos valores e na maneira de compreender o mundo; (2) a televisão é um agente de socialização que integra o desenvolvimento da criança moderna, ocupando o mesmo espaço da família, escola, sociedade e religião. Dentro do procedimento metodológico, essa pesquisa se valeu de levantamento bibliográfico nas áreas educacional, no aspecto do desenvolvimento psicológico e social da criança e; na antropológica, da comunicação e da religião. Já para identificarmos os efeitos da televisão sobre o desenvolvimento da criança, aplicamos questionários em crianças de nove a onze anos, com perguntas objetivas e subjetivas. A pesquisa de campo foi realizada com alunos do Ensino Fundamental do Colégio Unasp, na cidade de Engenheiro Coelho (SP). Concluímos que a televisão é um agente de socialização, cuja atuação se dá nas falhas dos demais agentes sociais. Esta falha é, principalmente, o não comprometimento da família com a educação e com o desenvolvimento dos infantes. Sendo assim, a mídia acaba exercendo o papel de socialização que a própria família deveria assumir, o de mediar a relação criança-sociedade, criança-escola e criança-religião. Tal mediação ocorre por meio da reafirmação ou questionamento dos valores transmitidos por essas instituições sociais.

Palavras-chave: televisão, religião, desenvolvimento da criança.

Midia, family and Religion: An analysis of the Influence of the Television in a Child Religious Development

ABSTRACT: The goal of this study is to understand what kind of influence the television has in the religious development of a child. This research starts with two basic presuppositions: (1) the television affects the development of a child. It this happens in relation to the establishment of habits, behavior, values and the way the child understand the world; (2) the television is an agent of socialization at the same level that the family, school, society and religion. In the methodological procedure, this research performed a bibliographic enquire in the educational field, more specifically in the subject of the psychological and social development of a child, and in the anthropological area concerning the role of communication and religion. Questionnaires were applied to nine children between nine and eleven years old, with objective and subjective questions. The research was performed with students of the Elementary School at Colégio Unasp, Engenheiro Coelho (SP). Our conclusion is that the television becomes an agent of socialization when the other agents fail to perform their duties. This failure is due, mainly, the lack of engagement by the family in a child education and development. Thus the television takes over the role that should be performed by the family, namely that o mediator between the child and society, between the child and the school, and the child and religion. This mediation takes place through the affirmation or the questioning of the values transmitted by the social institutions.

KEYWORDS: television, religion, development of a child.

CENTRO UNIVERSITÁRIO ADVENTISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA
CAMPUS ENGENHEIRO COELHO

MÍDIA, FAMÍLIA E RELIGIÃO: ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO
DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO DA CRIANÇA

Um Estudo
Apresentado em Cumprimento de
Requisitos de Conclusão de Curso
Estudo Individual

Por
Danielson Roaly

Dezembro 2005

ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO DESENVOLVIMENTO
RELIGIOSO DA CRIANÇA.

Trabalho de Conclusão de Curso
Apresentado em Cumprimento Parcial à
Obtenção da Graduação no
Bacharelado de Teologia

Por

Danielson Roaly

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Orientador
Vanderlei Dorneles

Avaliação

Banca
Amin A. Rodor

Data da Aprovação

Amin A. Rodor
Diretor do SALT

INTRODUÇÃO

“Diante do fenômeno social da televisão, três posturas costumam ser adotadas: aquela que considera a TV como causa de todos os males, aquela que a concebe apenas como uma forma de entretenimento e, finalmente, a que acredita que a TV pode ser um veículo de cultura”¹.

Neste estudo, consideramos o desenvolvimento da criança e a sua socialização. Entendemos a televisão como um dos agentes responsáveis por esse segundo processo, e importa-nos compreender o tipo de influência que esse canal de comunicação exerce na formação da criança.

Macleinmont conclui que “a televisão tem uma presença singular na vida cotidiana das crianças, mas as pesquisas tradicionais sobre a relação entre televisão e crianças, infelizmente, concentram só nos possíveis efeitos da TV sobre estas”².

O questionamento que se estabelece sobre as linhas tradicionais de pesquisa é que muitas vezes a televisão é encarada como um objeto, com qual a relação da criança é de pura absorção de conteúdo. As pesquisas são em grande parte experimentais, podendo detectar os efeitos, e com isso atribuem a causa das reações da criança ao objeto, não considerando os aspectos ambientais, como influenciadores de respostas.

¹ Sergio Ricardo Q. Macleimont, “*Televisão e crianças – novas perspectivas de relação*”, Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. XXV, nº 1, janeiro/junho de 2002, 13.

² Idem, 16.

A proposta desta pesquisa é compreender como se dá essa relação criança-televisão, analisando os porquês dos efeitos e verificando como isto afeta no desenvolvimento religioso da criança.

A justificativa de nosso trabalho parte do princípio de que se devem analisar os agentes sociais que contribuem para o desenvolvimento da criança, detectando suas responsabilidades, contribuições e falhas. Isto se faz por que supomos que são nessas falhas que a criança é mais susceptível a influências, pois ela tem uma lacuna de informações a ser preenchida, e a televisão muitas vezes vem preenchê-la.

Para gerarmos nosso questionamento, partimos de dois pressupostos básicos neste estudo: (1) A televisão exerce influências no desenvolvimento da criança. E essa influência se dá nos hábitos, no comportamento, nos valores e na maneira de compreender o mundo. (2) A televisão é um agente de socialização que integra o desenvolvimento da criança moderna, ocupando o mesmo espaço da família, escola, sociedade e religião.

Diante destes pressupostos, pretendemos definir como a televisão interfere e afeta o desenvolvimento religioso da criança.

O objetivo geral deste estudo é o de mostrar que a televisão é um agente de socialização que atua fortemente nas falhas dos demais agentes sociais. Especificamente queremos demonstrar que o problema não está propriamente na televisão, mas sim em toda a estrutura do desenvolvimento da criança, onde a religião perdeu seu papel orientado e passou a ser questionador da relação criança-mundo.

A mentalidade disseminada é de que a televisão é um objeto que produz influências negativas. Por isso, alguns pais, principalmente religiosos, decidem erradicar

dos lares a televisão. Acreditamos que isso não soluciona os reais problemas que se julgam ser frutos dessa influência. Neste estudo questionaremos se esta é a melhor solução a ser tomada.

Dentro do procedimento metodológico, inicialmente levantamos toda bibliografia necessária. Foram feitas pesquisas em áreas diversas, como educacional, no aspecto do desenvolvimento psicológico e social da criança; na antropológica, da comunicação e da religião; visando atingir o objetivo proposto nesse trabalho, com o intuito de chegarmos a conclusões que contribuam na solução do problema, foco desse estudo.

Os efeitos da televisão sobre o desenvolvimento da criança são indicados com base em questionários aplicados em crianças de nove a onze anos, com perguntas objetivas e subjetivas aplicado a escolares do ensino fundamental do Colégio Unasp na cidade de Engenheiro Coelho – SP, com o objetivo de compreender o contexto de seu desenvolvimento social e religioso.

Este estudo consta de três capítulos conforme descritos abaixo.

No primeiro capítulo, apresentamos a fundamentação teórica do nosso estudo abordando o desenvolvimento psicológico da criança. Temos como objetivo compreender o processo de aprendizagem dos valores na mente das crianças, levantando as possíveis mudanças que ocorrem nesse período, para entender-se como a televisão pode atuar. Por isso analisaremos diversas linhas de estudo.

O segundo capítulo apresenta a televisão como um agente socializador. Nele buscamos o entendimento de como ela interage com a família, escola e religião. Estes últimos, tidos como os principais agentes transmissores de valores. Ainda neste capítulo,

temos a aplicação da televisão dentro do escopo teórico levantado no primeiro momento desse estudo.

No terceiro capítulo comparamos as conclusões levantadas até aqui, com o objetivo sociológico da religião. Nessa fase vamos também perceber o papel antropológico da televisão. E como ela atua na área sociológica. É neste momento que lançamos mão dos resultados da pesquisa.

CAPÍTULO I

O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DA CRIANÇA

Estudar o desenvolvimento psicológico da criança é de extrema relevância para nossa pesquisa, para não cairmos no erro de encará-la como um adulto em miniatura. São de Rousseau os estudos que nos levam a compreender que a criança deveria receber uma educação diferenciada. Esta é a visão básica que permeia este estudo.

O desenvolvimento psicológico é algo que ocorre durante toda a vida, mas analisaremos apenas os períodos concernentes à infância. Milcare afirma que “para cada idade, para cada fase do desenvolvimento, existem certos padrões de comportamento apropriados, que devem ser respeitados”¹.

O objetivo de estudar as diferentes fases do desenvolvimento da criança é para se entender suas mudanças comportamentais e destacar aspectos que lhe influenciarão durante toda a vida. Para tal, consideraremos as linhas filosóficas de diversos estudiosos e suas escolas, embora nossa meta não seja a de definir qual deles deve ou não ser aplicado.

Conceituando Psicologia do Desenvolvimento

A psicologia do desenvolvimento está inserida no ambiente de estudo da psicologia educacional. Analisa como e porquê o organismo humano sofre transformações

¹ Luciana Milcare, “Redescobrimo o Papel das Emoções”, <[Http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003_redescobrimo_papel_emoco.es.pdf](http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003_redescobrimo_papel_emoco.es.pdf)>, disponível em 21 de outubro de 2005.

durante a vida. Não ignorando o lado biológico desse desenvolvimento, mas destacando aspectos neurológicos, cognitivos e comportamentais que se manifestam na criança.

Assumem grande importância no desenvolvimento infantil, o comportamento motor, a percepção, a aprendizagem, a linguagem e os processos sociais, sendo estes apenas alguns.

“Muitos psicólogos exploram o funcionamento destes processos quando estes já se encontram plenamente desenvolvidos, o psicólogo do desenvolvimento explora as mudanças que ocorrem a partir da concepção, através da infância, da adolescência, da adolescência à maturidade, e durante os anos adultos até os da idade adulta”¹.

O desenvolvimento e seu ambiente

O desenvolvimento ocorre sobre duas perspectivas: do ponto de vista passivo, no qual o desenvolvimento é moldado por forças ambientais, sobre as quais a criança não tem controle; e do ponto de vista ativo, em que a criança cria seu próprio programa de desenvolvimento. Alguns teóricos dão ênfase apenas ao primeiro ponto, dentre eles temos John Locke e John Watson. Do outro lado temos os que enfatizam apenas o ponto de vista ativo como Immanuel Kant e Jean Piaget.

Natureza do desenvolvimento

Quanto aos fatores que impulsionam as mudanças na natureza do desenvolvimento, levamos em consideração as linhas apresentadas por Terry Faw: a contínua e a descontínua. A teoria da continuidade defende que os processos psicológicos não possuem mudanças durante o desenvolvimento. Já a descontínua afirma que as mudanças existem e ocorrem em estágios.

¹ Terry Faw, *Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência* (São Paulo: Mcgraw-Hill, 1981), 2.

Um exemplo da natureza do desenvolvimento pode ser entendido através da experiência de apreender a falar. Os teóricos que defendem o desenvolvimento contínuo afirmam que estes fenômenos ocorrem através de aumentos graduais na capacidade da criança de formar palavras e frases. De maneira oposta, os teóricos do desenvolvimento descontinuado afirmam que o ato de falar incorpora fases em que a criança vai adquirir novas regras e habilidades.

Historicamente, o debate entre os psicólogos tem sido sobre a importância relativa da hereditariedade (natureza) e o ambiente (influência do meio) na determinação das configurações do desenvolvimento humano. Neste debate já não se argumenta mais se um ou outro desses fatores é mais importante na determinação dos padrões de desenvolvimento. Em lugar disso, concorda-se, comumente, que os fatores ambientais e hereditários integram e influenciam o desenvolvimento. O debate natureza-influência do meio, de tal forma, foi transformado de uma discussão de quanto cada fator influencia o desenvolvimento, para uma discussão de como a interação da hereditariedade e as experiências ambientais medeiam o processo de desenvolvimento¹.

Teorias do Desenvolvimento

O desenvolvimento psicológico da criança dá-se em seu crescimento global e considera a psicologia educacional com a qual ela está sendo criada. Por isso, é de grande relevância estudar as diversas teorias acerca do desenvolvimento. Assim, a teoria da maturação abrange quatro aspectos que estão inteiramente relacionados, sendo: intelectual, social, emocional e físico. A maturidade intelectual refere-se ao conhecimento do indivíduo. A maturidade social enfoca as relações que o indivíduo estabelece com sua comunidade. Por outro lado, a teoria emocional estuda o desenvolvimento dos sentimentos básicos. Por último, a maturidade física refere-se ao crescimento biológico do indivíduo.

¹ Idem, 4.

Todos estas teorias seguem padrões e fases próprias, determinando o desenvolvimento do indivíduo.

Desenvolvimento e aprendizagem são processos que caminham juntos, sendo mesmo impossível desarticulá-los. Merecerão atenção algumas teorias da aprendizagem, importantes para o embasamento das idéias a serem abordadas.

Teoria de Aprendizagem

Existem várias teorias que diferem no como explicar o processo e as formas de aprendizagem. Destacaremos as teorias cognitivas, as de condicionamento e as de campo.

Teoria cognitiva

A teoria cognitiva foi elaborada inicialmente por John Dewey e ampliada por Jerome Bruner. Na qual se apresenta o desenvolvimento da aprendizagem como solução de sucessivos problemas, destacando o papel ativo da criança em seu próprio desenvolvimento. “Através deste esforço, a criança desenvolve maneiras eficientes de explorar todos os aspectos do ambiente, pensando a respeito de experiências e respostas às exigências que lhe são feitas”¹.

Na criança são estruturados passos para sistematização de sua aprendizagem, como sejam: reconhece uma necessidade; coleta informações sobre a necessidade; supõe-se uma possível solução; seleciona as possibilidades para solucionar as necessidades; coloca a hipótese de solução em prática; e racionaliza a solução para que numa próxima necessidade essa solução seja colocada em prática de forma aprimorada.

¹ Idem, 6.

Jean Piaget é um destaque dentre os defensores da teoria cognitiva. Ele entende o desenvolvimento como sendo “estímulos impulsivos do ser humano que reduzem as incertezas, tendo como objetivo se adaptar ao seu ambiente”¹. Questionaremos mais à frente o que, ou quem, estimula esses impulsos.

Isto ocorreria através de processos contínuos de adaptação, assimilação e acomodação. A adaptação ocorre pelo relacionamento do indivíduo com seu ambiente, resultando em constantes mudanças. Dessa forma a adaptação “é o resultado do equilíbrio entre as ações do organismo sobre o meio e das ações do meio sobre o organismo”².

A adaptação é constituída de dois pontos: assimilação e acomodação. Para Piaget a assimilação é a aplicação dos esquemas ou experiências anteriores do indivíduo à uma nova situação; isto faz com que ele incorpore novos elementos aos seus esquemas já assimilados. Portanto, toda vez que o indivíduo tem um problema, ele procura resolvê-lo usando esquemas já organizados em soluções de problemas similares anteriores. Isto faz com que esse esquema sofra uma incorporação de elementos para solução do novo problema.

A acomodação é definida como “a reorganização e modificação dos esquemas assimilatórios anteriores do indivíduo para ajustá-los a cada nova experiência”¹. É quando o indivíduo não possui esquemas de solução similares para a solução do novo problema, isso

¹ Regina C. C. Haidt, *Curso de didática geral* (São Paulo: Editora Ática, 2001), 33.

² Ibidem.

¹ Ibidem.

gera a reflexão e a reelaboração de dados.

Outro conceito fundamental na teoria piagetiana é a noção de equilíbrio. Ela pode ser explicada da seguinte forma: quando o indivíduo se depara com uma situação desafiadora, como, por exemplo, um problema ou uma dificuldade, e seus esquemas mentais não dispõem de elementos suficientes para resolvê-los, ocorre um desequilíbrio momentâneo, isto é, uma perturbação em suas estruturas mentais¹.

Piaget entende que a aprendizagem se inter-relaciona com o desenvolvimento da inteligência e com o processo de construção do conhecimento. O elo é constituído de processos de acomodação e assimilação que resultam num equilíbrio progressivo, acarretando transformações no conhecimento que o indivíduo constrói.

Teoria de condicionamento

Para Skinner, um dos principais representantes da teoria do condicionamento, as pessoas são como “caixas negras”: podemos conhecer os estímulos que as atingem e as respostas que dão a esses estímulos, mas não podemos conhecer experimentalmente os processos internos que fazem com que determinado estímulo leve a uma dada resposta. Mas, se descobrirmos qual o estímulo que produz certa resposta num organismo, quando pretendemos obter a mesma resposta desse organismo, basta aplicar-lhe o estímulo que descobrimos².

O condicionamento no processo de aprendizagem é similar ao adestramento, pois trabalha com incentivos e advertências. Se a criança se portou como se esperava, recebe agrados, se não se portou, recebe uma punição. Isto a condiciona a agir de forma que só receba o incentivo, ou que fuja da punição.

Teoria de campo

Esta teoria tem seu principal formulador na figura de Kurt Lewin. Ela afirma que o indivíduo responde a estímulos das forças do ambiente social em que se encontra, o

¹ Ibidem.

² Nelson Pilleto, *Psicologia Educacional* (São Paulo: Editora Ática, 2003), 49.

que seria a explicação para as respostas das pessoas, de maneiras diferentes, a um mesmo estímulo, pois tais respostas dependem das necessidades do próprio indivíduo.

A teoria de campo dá muita importância ao desenvolvimento psicológico, pois vai basear-se no interesse e na prioridade que o indivíduo vai ter, pela solução de determinados problemas.

Fases do Desenvolvimento

O estudo das etapas de desenvolvimento da criança é fundamental na identificação das reações da criança no processo educativo. Dentre elas, duas possuem bastante destaque: as fases propostas pelo psicanalista Sigmund Freud e os períodos sugeridos por Jean Piaget. Freud desenvolveu uma teoria em que divide em fases psicosssexuais o desenvolvimento do indivíduo. “Cada fase é definida pela fonte de gratificação predominante para as necessidades instintivas do indivíduo”¹. São elas: oral, anal, fálica, de latência, genital.

Fase oral – Esta fase abraça o primeiro ano de vida infantil, onde a fase do prazer está nos lábios e na boca. Ao ter sua necessidade satisfeita, o indivíduo passa a ter confiança no ambiente, como uma fonte de satisfação de necessidade. Segundo Freud a falta de satisfação neste período pode gerar conseqüências na fase adulta.

Fase anal – Esta fase está no segundo ano de vida, tendo a criança o centro de sua satisfação na região anal do corpo. Tem sua relação com a excreção ou não das fezes. Tudo depende das condições favoráveis que a criança está sendo satisfeita.

¹ Faw, 8.

Fase fálica ou edipiana – Este período estende-se dos três aos cinco anos de vida, e o prazer da criança agora está localizado na estimulação genital e fantasias associadas. É nessa fase que acontece o complexo de Édipo, quando o menino desperta interesse por sua mãe, disputando-a com seu pai; ou a fase de Electra, quando a menina passa a interessar-se pelo seu pai., disputando-o com a sua mãe.

Fase de latência – Este período abrange a meninice intermediária até a pré-adolescência, indo dos 6 aos 12 anos. “É durante o período de latência que a criança adquire as habilidades e crenças altamente valoradas que lhe permitirão adaptar-se à sociedade”¹.

Fase genital – Período extensivo da adolescência até a fase adulta, na qual volta a ser despertado no indivíduo, o impulso de satisfação sexual. É nesta fase que se estabelece o interesse pelos relacionamentos heterossexuais.

Jean Piaget e o desenvolvimento

As teorias desenvolvidas por Piaget são interessantes e ganham tremenda atenção pelo fato de enfatizarem , principalmente, o desenvolvimento, como uma forma de interação entre o indivíduo com o mundo exterior, resultando no conhecimento. Segundo o autor, o desenvolvimento pode ser dividido em quatro períodos básicos:

Período sensório-motor – Inicia por volta de zero aos dois anos de idade. Neste estágio, a criança toma consciência do próprio corpo, buscando uma relação centrada em si, tendo o desenvolvimento da sua inteligência em três pontos: reflexos de fundo hereditário,

¹ Idem, 9.

organização das percepções e hábitos e, por fim, inteligência prática. É a etapa em que o indivíduo cria um mundo objetivo.

Período pré-operatório ou do pensamento intuitivo – Com início por volta dos dois aos sete anos de idade, esse período é marcado pelo desenvolvimento da linguagem. Tal desenvolvimento resulta em três conseqüências para a construção da mente: socialização da ação com trocas entre os indivíduos; o desenvolvimento do pensamento verbal e o desenvolvimento de intuições. Nesse período o indivíduo é egocêntrico e sincrético.

Período operatório e das operações concretas – Realiza-se a partir dos sete anos de idade e vai até os doze, com o desenvolvimento do pensamento lógico sobre coisas concretas, pois o indivíduo passa a ter compreensão das relações entre as coisas, com capacidade para classificar objetos. Supera o egocentrismo e passa a ter noção de peso e medida. Ainda neste período surgem novos sentimentos morais com os quais a criança compreende mais a sociedade.

“Em vez das condutas impulsivas da primeira infância, a criança desse período já pensa antes de agir, o que demonstra que está conquistando o processo de reflexão. Para a inteligência, trata-se do início da construção lógica”¹.

Período das operações abstratas ou formais – Piaget propõe que este período acontece a partir dos onze anos, com o desenvolvimento da habilidade intelectual de construir, compreender e formar conceitos abstratos. O indivíduo passa a sugerir hipóteses e tirar conclusões de forma hipotética-dedutiva.

¹ Haidt, 45.

O cerne da teoria de Piaget é a noção de atividade no desenvolvimento humano, crendo que é interagindo com o ambiente que o indivíduo dele recebe influência e sobre ele atua, vivenciando o processo de adaptação (assimilação e acomodação), que tende para uma equilibrção progressiva. Daí resulta o desenvolvimento das construções do conhecimento¹.

Resumo e Conclusões

A fase, objeto desse estudo, é a que Freud chama de latência, quando a criança constrói valores para se relacionar com a sociedade ao seu redor. Piaget chama de período operatório e de operações concretas, pois é nela que se estrutura a formação do pensamento lógico sobre coisas concretas. A criança forma capacidades que lhe permitam classificar objetos e também passa a ter sentimentos morais, importantes na compreensão de sua sociedade. Vai pensar antes de agir, conquistando o processo de reflexão, estruturando seu pensamento através da construção lógica.

O clímax do interesse da criança pela televisão acontece nessa etapa de seu desenvolvimento. “Uma criança começa a se sensibilizar com os estímulos de televisão aos três anos de idade. Esse interesse vai crescendo até 11 ou 12 anos. Na adolescência, ocorre uma retração deste interesse”².

É necessário aplicarmos as teorias do desenvolvimento psicológico da criança sem desvinculá-las do aspecto social. Até aqui observamos diversas formas de encarar o desenvolvimento da criança, cada uma com sua contribuição, sobre determinado ponto de vista teórico de uma maneira, observando de um determinado ponto. Alicerçados por esta

¹ Idem, 52.

² Ciro Marcondes Filho, *Televisão: a vida pelo vídeo* (São Paulo: Moderna, 1988), 107.

base de estudos, agora partiremos, para a análise do “solo” e de todo o periférico ambiental que influencia no desenvolvimento psicológico da criança.

No capítulo seguinte elucidaremos a relação criança-mundo intermediada pela televisão. Terá lugar a análise da contribuição social no desenvolvimento infantil, para então aplicarmos as teorias abordadas.

CAPÍTULO II

A SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM A TELEVISÃO

Agentes de Socialização

Determinantes para o desenvolvimento da criança, os agentes de socialização são instituições ou sistemas sociais previamente estabelecidos pela própria sociedade. Eles influenciam de maneira direta, como forças ambientais, sobre as quais a criança não tem controle, mas que ao mesmo tempo irá interagir com os mesmos. Portanto, a socialização vai relacionar natureza e ambiente no desenvolvimento da criança. Ela influirá no comportamento motor da criança, em sua percepção, sua aprendizagem, e principalmente na construção dos processos sociais de suas vivências. “O indivíduo sujeito da história é constituído de suas relações e é, ao mesmo tempo, passivo e ativo (determinado e determinante). Ser mais ou menos atuante como sujeito da história depende do grau de autonomia e de iniciativa que ele alcança”¹. É aqui que ocorre o processo social de aprendizagem e de adaptação, defendido por Piaget.

Podemos destacar três instituições como sendo os principais agentes de socialização da criança: a família, a escola e a religião. Junto a estas, propomos a inclusão da televisão. Esta inclusão não é positiva, mas em uma análise da atual realidade

¹ Silvia Lane, “As categorias fundamentais da psicologia social”, *Psicologia social: o homem em movimento* (São Paulo: Brasiliense, 1989), 40.

detectamos haver significativa influência da televisão em nossa sociedade. Referida inclusão é a razão desta pesquisa, e será analisada em nossas conclusões finais.

Como principal instituição, a família responde pela socialização primária da criança. Margarida Matos aponta a família como a grande responsável por ensinar habilidades e valores para as crianças¹. Para Ellen White esta influência familiar é tão forte que determinará o caráter da criança.

Tudo deixa sua impressão na mente juvenil. A fisionomia é estudada, a voz tem sua influência, o comportamento é por eles imitado bem de perto. Os filhos precisam ver na vida dos pais aquela coerência que está em harmonia com sua fé. Por revelar uma vida coerente e exercer domínio próprio, os pais podem modelar o caráter dos filhos².

Mas se considerarmos que a criança da sociedade contemporânea não passa mais o tempo devido amparada por seus pais e por pessoas comprometidas com seu desenvolvimento, vamos perceber que a socialização primária apresenta lacuna, falha, na formação da criança.

Os pais atuais, com todos os seus compromissos, acabam deixando seus filhos sem quaisquer orientações, em frente à televisão, por várias horas.

Segundo Lobo, a televisão pode viciar e transformar uma criança num “telespectador crônico”³. O problema é que os pais estão transferindo suas responsabilidades de educar, para a televisão. A criança, assim, tem mais relação com a

¹ Margarida Matos, *Corpo, movimento e socialização* (Rio de Janeiro: Sprint, 1993), 18.

² Ellen G. White, *O Lar Adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), 322.

³ Luiz Lobo, *Televisão: nem babá eletrônica nem bicho-papão* (Rio de Janeiro: Lidador, 1990), 19.

televisão do que com eles. Por isto, consideramo-la (a televisão), como instituição, colocando-a em pé de igualdade à instituição primária, já que sua atuação é dentro de casa, isto é, no seio da família.

O excesso de exposição à televisão pode ter conseqüências desastrosas: distanciamento cada vez maior entre pais e filhos, ausência de coerência e consistência nos exemplos da família, perda de espontaneidade e autenticidade dos pais no contato com a criança (e vice-versa), passividade excessiva de algumas crianças, agressividade excessiva em outras¹.

Discutiremos brevemente, sobre os dois outros agentes – a escola e a religião, tidos como instituições responsáveis pela socialização secundária, entendendo-se como secundária, àquela que vai ocorrer fora do lar.

O papel da escola na socialização da criança

Os pais deixam para a escola o papel de formação da criança, papel este, que era de sua responsabilidade. Mas a escola não pode ocupar esse espaço. Ao falar da relação família e escola, Pilleti deixa claro que a família “é o principal elemento social que influi na educação. Sem a família a criança não tem condição de subsistir”². Conseqüentemente não aceitará os valores religiosos da família.

A função da escola é reafirmar os valores passados pela família, transmitir valores éticos fazendo com que a criança conheça as normas e a ética social, repassar os conhecimentos sistematicamente organizados pela humanidade, preparando a criança para a vida em sociedade. Neste momento, a criança vai conhecer como a sociedade é organizada, seus aspectos políticos e sua cultura.

¹ Idem, 105.

² Pilleti, 17.

Pillet ao encarar a importância da família afirma que: a escola só conseguirá preencher essa função quando houver o entrosamento dos pais com a escola e com a comunidade. Assim, a escola deve ser o ambiente em que pais e professores promovam conjuntamente a educação¹.

Diante da pouca assistência dos pais à criança e, da desarticulação escola, família e comunidade, a escola também fracassa em seus objetivos educacionais. Permanecendo no modelo tradicional, essa instituição é a que tem demorado mais a renovar-se e, por esta razão, continua cometendo erros, dentre os quais citaremos os que consideramos principais, na abordagem do nosso tema: não valoriza o que a criança sabe; leva a criança a ser uma mera repetidora das idéias que lhe são passadas; impossibilita a existência de diálogo; não estimula o pensamento e nem o raciocínio e, finalmente, não ensina a criança a se expressar. Motivos tais que nos levaram a detectar em nossa pesquisa, um conceito tão negativo sobre a escola, por parte das crianças (ver Anexo 1 – Gráfico 1; e Anexo 2 – Gráfico 2).

No período de um ano, as crianças em idade escolar passam duas vezes mais tempo assistindo televisão do que na sala de aula. A televisão influencia a formação do caráter e da personalidade infantil, e a criança na maioria das vezes tem mais contato com a televisão do que com a escola, ou até mesmo com seus pais. Uma criança chega a vida adulta depois de ter assistido a quinze mil horas de televisão e mais de 350 mil comerciais, contra menos de mil horas de escola. Além de babá a televisão atua como professora, conselheira e, provavelmente como companheira².

¹ Ibidem.

² Renata Boutin, “Tv, criança e irresponsabilidade social”.
[Http://www.contexto.com.br/artigorenataboutin.htm](http://www.contexto.com.br/artigorenataboutin.htm), disponível em 06/06/2005.

O papel da sociedade na socialização da criança

Paulo Freire nos mostra que a sociedade representa uma fatia importante para a aprendizagem, para o desenvolvimento e a socialização da criança. Esta sociedade é formada por toda a gama de relações humanas e sociais que a criança pode ter.

“O conceito de relação social baseia-se no fato de que o comportamento humano está orientado de inúmeras maneiras para outras pessoas. Os homens não somente vivem juntos e partilham de opiniões, valores, crenças e costumes comuns, mas também interagem continuamente, reagem uns aos outros e modelam seu comportamento pelo comportamento e pelas expectativas alheias”¹.

A Televisão como um Agente Social

“A TV age diretamente na formação da criança, pelo mecanismo psíquico de identificação: são internalizados no mundo interno da criança os modelos do mundo externo que ela recebe, com os quais se identifica e que formam a matéria-prima para seu desenvolvimento psicológico. Esses modelos de identificação positivos ou negativos vêm da família, da escola, da TV, da leitura. Quanto menor e mais frágil a criança, mais influência sofrerá e será mais vulnerável e suscetível a esses modelos. Do ponto de vista do aprendizado, como o hábito cria a necessidade, crianças "viciadas" em TV correm um risco maior de ter dificuldades de atenção, memória, concentração e, eventualmente, bloqueio da expressão verbal, necessária ao aprendizado da linguagem”².

Logo que nasce, a criança cria um vínculo de dependência plena com sua genitora ou com quem a sustenta, recebendo calor e alimento. Este vínculo é gradativamente diminuído com o crescimento da criança. Mal ela começa a desenvolver seu lado perceptivo já é colocada frente a uma televisão, para que se mantenha entretida, não fazendo nenhum tipo de bagunça ou travessura natural de sua infância, pelos mais diversos motivos: os pais muitas vezes têm que cuidar dos afazeres domésticos, ou

¹ Ely Chinoy, *Sociedade: uma introdução à sociologia* (São Paulo: Cultrix, 1975), 53-54.

² Ana Olmos, “O aprendizado pela TV”, [Http://www.idec.org.br/rev_idec_texto2.asp?pagina=2&ordem=2&id=99](http://www.idec.org.br/rev_idec_texto2.asp?pagina=2&ordem=2&id=99), disponível em 28 de setembro de 2005.

trabalho, que trazem para casa. Isso quando a criança não é deixada com parentes, irmãos ou empregadas, que possuem um comprometimento muito menor com a educação da criança.

A televisão torna-se o que os comunicadores gostam de chamar de “babá eletrônica”. Ela é a “companheira” da criança na maior parte da sua infância. Sendo mais presente que a própria família, escola ou religião. Neste aspecto entendemos ser a televisão, tragicamente, um agente de socialização. Alguns defendem isto, mas a colocam como agente secundário, embora não nos pareça ser este o papel que ela exerce. A televisão acaba por exercer o papel de socialização primário. Apesar dessa função não ser legítima, é a televisão quem vai passar a maioria dos valores éticos e morais para a criança. Valores estes que a influenciará em seu desenvolvimento religioso e em sua percepção de mundo, como uma lente adicional.

Nesta fase do desenvolvimento da criança a televisão produzirá estímulos que impulsionarão o desenvolvimento da criança de forma guiada. Dentro da teoria cognitiva de Piaget, ela vai despertar os estímulos necessários para compor o desenvolvimento. Por outro lado os estímulos que a televisão não trabalha serão reprimidos. Um exemplo é o hábito de leitura, que cada vez mais vem se tornando incomum para a criança.

“Uma criança pode ser ensinada de maneira a, como o animal, não ter vontade própria. Sua individualidade pode imergir na da pessoa que lhe dirige o ensino; sua vontade, para todos os intentos e desígnios, está sujeita à de seu mestre”¹.

¹ Ellen G. White, *Conselho sobre educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 2.

A televisão vai estar presente e influenciando nas mudanças que ocorrem a partir da concepção, percorrendo a infância, desta à adolescência, da adolescência à maturidade e durante os anos adultos. É claro que não é ela que fornece alimento, mas seu poder é tamanho que a criança não sabe se alimentar, se não for em frente à televisão. Sua influência é passiva, pois a televisão é constituída de força ambiental sobre a qual a criança não tem controle, mas ela também pode adotar uma postura ativa, criando seu próprio programa de desenvolvimento, através do leque de ofertas de programas, cabendo à criança variadas escolhas do que assistir. Ressaltamos que a criança em sua infância, ainda não tem experiência para selecionar programação que deve assistir, sempre vai buscar algo que a divirta ou a entretenha. Neste período, ela necessita do acompanhamento de alguém comprometido com seu desenvolvimento. Ao nosso ver, deveriam ser apenas os pais ou quem ocupa essa função, os comprometidos em selecionar os programas melhores para a formação dos filhos.

A televisão apresenta um desenvolvimento contínuo e gradual na capacidade da criança de assimilar alguns valores que vão sendo afirmados ao longo do tempo, através do convívio social, com adultos e com outras crianças. Com isso, a criança vai compreendendo a noção do que é errado e do que é certo através do que a televisão apresenta. No aspecto descontinuado, a televisão incorpora fases onde a criança vai adquirir novas regras sociais e habilidades; serão as fases da moda ditada pela televisão. Aí se incluem os tipos de linguagem, gírias e expressões idiomáticas que vão mudando com uma certa frequência. Tudo isso sendo fator influenciador no desenvolvimento da criança.

No desenvolvimento psicológico a criança também é influenciada em seu crescimento global. No aspecto de maturação, a televisão influencia em três aspectos básicos do desenvolvimento infantil: intelectual, despertando ou não o interesse pelos estudos, onde geralmente o interesse é minimizado; social, através da determinação do seu grupo social, com quem se identifica, esse sempre vai ser o grupo que será destacado nos programas televisivos; e emocional, podendo gerar insensibilidade na criança por ela estar em contato com uma realidade que ela ainda não deveria estar preocupada em entender.

Alguns ainda afirmam que a televisão influencia também no aspecto físico. Assistir muito a televisão na infância pode gerar hábitos pouco saudáveis. Um estudo neozelandês sugere que assistir a televisão na infância influencia as pessoas a terem hábitos pouco saudáveis na idade adulta. “Adultos que foram espectadores ávidos de televisão durante a infância têm maior probabilidade de serem obesos, de fumar e de ter colesterol alto”¹.

Processo de Aprendizagem sob Influência da Televisão

“A criança vive inconscientemente esta trama de desejos antagônicos como expressão simbólica de seus próprios conflitos e tensões internas. Também o telespectador vive os relatos como articulação metafórica de seus mais íntimos conflitos”².

Os passos propostos pelos teóricos para sistematizar a aprendizagem da criança também sofrem com a influência da televisão. A criança nem precisa identificar uma

¹ Antonio Brasil, “O poder das imagens e o futuro da TV”.
[Http://www.ietv.org.br/pensar_tv_artigo.php?id=299](http://www.ietv.org.br/pensar_tv_artigo.php?id=299), disponível em 20/06/2005.

² Macleimont, , 18.

necessidade, pois a televisão irá despertá-la. Ao ter de coletar informações sobre essa necessidade, já receberá tudo da televisão, tendo o único trabalho de absorvê-la. Supor uma possível solução, não faz parte das características da televisão, pois a troca rápida de imagens não permite à criança raciocinar. A televisão oferece soluções prontas.

A esta altura, a criança terá de selecionar as possibilidades para solucionar as suas necessidades, mas, como ela não desenvolveu nenhuma solução pessoal, aceitará a que a televisão vai sugerir. Isso, é claro, baseado no princípio de que a maioria das crianças não tem ainda maturidade ou uma base de orientação para fazer suas próprias escolhas. Seu pensamento crítico ainda não seleciona as coisas que lhes são apresentadas, segundo escala de valores éticos ou morais consolidados. O resultado será a absorção, pela criança, da hipótese de solução sugerida pela televisão em prática, pois essa é a única orientação que lhe foi passada. Isso faz parte da manipulação que a televisão exerce. Tal poder é notável e perceptível quando se estuda o poder da publicidade. Em adultos essa influência já é grande, quanto mais em crianças que não possuem uma base estruturada de orientações, pois a maioria das famílias não está devidamente comprometida com a educação das crianças.

O último passo da criança é racionalizar a solução para que numa próxima necessidade essa solução seja colocada em prática, de forma aprimorada. Assim ela perpetuará a influência televisiva.

Maria Rita Kehl defende que a televisão faz uma mediação entre o real e o imaginário. Portanto, essa influência não será apenas das coisas reais passadas na televisão, mas também em coisas imaginárias, levando a criança, na fase em que ainda não sabe

distinguir o real do imaginário e nem a verdade da mentira, a aceitar conceitos e atitudes falsas propostas pela televisão. Kehl explica outrossim, que “a relação dos sujeitos com o real, naquilo em que ela se dá por meio do discurso televisivo, é uma relação imaginária, que se rege prioritariamente pela lógica da realização de desejos. Portanto, prescinde do pensamento”¹.

Jean Baudrillard vai mais longe, afirmando que o real está morrendo, o motivo é a repetição contínua da realidade:

Se o real está desaparecendo, não é por causa de sua ausência – ao contrário, é porque existe realidade demais. Este excesso de realidade provoca o fim da realidade, da mesma forma que o excesso de informação põe um fim na comunicação. Não estamos mais lidando com uma problemática da falta e da alienação, onde o referente do sujeito e objeto sempre se encontram, em posições filosóficas fortes e ativas².

A criança em contato demais com essa realidade, que podemos até chamar de irreal, recebe influências que não condizem com sua própria realidade, fazendo com que os valores assimilados por ela não sejam reais. Isso que dizer que os valores passados pela televisão não condizem com a realidade da criança. Conforme as etapas do desenvolvimento cognitivo de Piaget, a criança só é capaz de distinguir entre fantasia e realidade numa idade avançada. Para as crianças, uma história possui vida própria. Inclusive quando admitem a existência de simulação em alguma história, as incorporam de alguma forma à realidade e, incapazes de fazer abstração, criam um modelo peculiar de realidade.

¹ Maria Rita Kehl, “Imaginário e Pensamento”, in: Mauro Wilton de Souza. *Sujeito: o lado oculto do receptor* (São Paulo: Brasiliense, 1995), 171.

² Jean Baudrillard, *A ilusão vital* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001), 72.

A criança aprende por experimentação e observação, fenômenos inconscientes. As reações de adesão ou rejeição dos personagens tendem a ser produzidas mais por envolvimento emotivo que por considerações ideológicas ou éticas. As reações emotivas provocadas pelos personagens induzem as crianças a assumir ou rejeitar os valores por eles representados¹.

Jean Piaget, em seu entendimento do desenvolvimento como estímulos impulsivos do ser humano que reduzem as incertezas, dá abertura para aplicarmos a esta estrutura a influência da televisão. No conceito de adaptação, no qual ocorre o relacionamento do indivíduo com o seu ambiente, vamos encontrar a mediação televisiva, resultando assim em constantes mudanças manipuladas. Ela vai representar as ações do meio sobre o organismo. Portanto toda vez que o indivíduo tem um problema, ele procura solucionar com esquemas já organizados em soluções de problemas similares anteriores. Estas soluções no desenvolvimento da criança são influenciadas pela televisão. A acomodação também acaba subordinada à influência televisiva quanto à reorganização e modificação dos esquemas assimilatórios anteriores do indivíduo, pois a televisão impõe novos padrões sociais e novas ideologias a todo o momento. Na acomodação a influência ocorre para ajustar a conduta do indivíduo a cada nova experiência para a solução do novo problema. Isso deveria gerar uma reflexão para a reelaboração dos dados, mas já vimos que a televisão não tem essa característica de permitir que o telespectador pense, ela impõe apenas a absorção.

Freud escreveu que o imaginário e o pensamento infantil nascem com base nas maquinações e indagações da criança a respeito dos enigmas primordiais da vida, os enigmas da sexualidade. O amor dos pais por ela, mas também pelo outro (e que mobiliza o ciúme da criança), o surgimento inesperado de um irmãozinho (idem!),

¹ Boutin, <http://www.contexto.com.br/artigorenataboutin.htm>, disponível em 06/06/2005.

todos esses mistérios da vida motivam uma investigação – e não é à toa que Freud batizou os frutos dessa investigação de teorias sexuais infantis, conferindo a elas o mesmo estatuto dos produtos do pensamento humano: as maquinações sobre “quem sou”, de “onde vim”, como fui feito” etc¹.

Elucidando Freud, podemos perceber que a televisão desperta na criança o desejo de investigação dos mistérios da vida. É a própria televisão quem fornece o mapa, a trilha, o guia e finalmente a resposta a esse anseio investigativo. Por fim, a criança se dará por satisfeita, acreditando que ela está assimilando os conceitos de vida úteis para seu aprendizado.

Aplicando a televisão ao entendimento de Skinner, vamos perceber ainda mais claro o poder da televisão. Para ele, o condicionamento no processo de aprendizagem trabalha com incentivos e advertências. Esse condicionamento vai ocorrer na relação criança, televisão e sociedade. Se você se portar como se esperava, recebe agrados. Ora, o agrado é a pressão social que a televisão exerce, pois de maneira generalizada toda sociedade está sob forte influência da aprovação ou desaprovação. Se não se portou como é consenso, recebe uma punição, o que condiciona a criança a agir de forma a receber o incentivo, ou fugir da punição.

Nesta perspectiva, o mais fraco exerce influência sobre o mais forte. A criança que absorveu mais rapidamente tais influências questionará o que ainda não foi influenciado, por não estar dentro do perfil apresentado pela televisão. Neste caso, a televisão representará o conceito de verdade social para a criança mais susceptível. E esta criança susceptível reafirmará na sociedade essa influência como verdade. Esta teoria

¹ Kehl, 173.

afirma que o indivíduo responde a estímulos das forças do ambiente social em que se encontra sendo a explicação do porquê as pessoas respondem de maneiras diferentes aos estímulos televisivos, pois dependem das diferentes necessidades que cada um desenvolveu.

Resumo e Conclusões

Concluimos que a televisão se encaixa perfeitamente e, de diferentes maneiras, nas diversas teorias do desenvolvimento psicológico da criança, pois ela, televisão, vai representar uma instituição social, que por negligência dos pais exerce a função de socialização primária, mediando a relação criança-mundo. Conseqüentemente ocorrerá a absorção, pela criança de valores e crenças da televisão. Podemos indagar: que influência poderá ter a televisão sobre as crianças, se os seus pais lhes ensinarem valores diferentes dos ensinados por este meio de comunicação? A televisão, ao transmitir seus valores, trata de reafirmá-los dentro da sociedade e o faz de modo continuado. Os conceitos passados pela família às crianças não são reafirmados no grupo social a que ela pertence, permanecendo conceitos com pouca sedimentação, comparado àquela que faz o poder televisivo. Como muitos pais deixam para a escola apresentar esses valores, que são em sua maioria valores morais, eles perdem sua força, pois a escola não é bem vista, ou não possui credibilidade aos olhos da criança socializada pela televisão, sem força de reafirmar esses valores em outros núcleos sociais da criança, muitos valores da escola não serão verdade para a criança.

Dentro do aspecto religioso esse fator é mais grave, pois a criança recebe conceitos religiosos gerais, não específicos, por também não ser essa a função da escola.

Muitas vezes esses conceitos são contrários aos próprios conceitos religiosos da criança. Este aspecto será levantado mais a fundo no próximo capítulo, no qual também faremos uma análise, a partir da pesquisa realizada junto às crianças do ensino fundamental.

CAPÍTULO III

A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO DA CRIANÇA

Neste capítulo, quando se utiliza o termo “religião”, refere-se à noção apresentada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. A influência televisiva no desenvolvimento religioso que este estudo busca entender tem como produto de estudo crianças pertencentes a esta denominação. Não enfatizamos diferenças entre grupos religiosos por não ser nosso objetivo, porém o grupo citado serve-nos de referência.

As teorias gerais aqui utilizadas poderiam ser aplicadas a outros entendimentos denominacionais, mas os valores que buscamos questionar, são os valores transmitidos por esta denominação religiosa.

Até aqui nosso objetivo foi pura e simplesmente afirmar que a televisão exerce influência de conceitos na mente da criança, levando-a a aceitar algumas pressuposições televisivas como verdades, que posteriormente são reafirmadas pela sociedade. Procuramos ainda afirmar que a televisão está ocupando o papel que a família deixou de exercer. Ou seja, papel que lhe foi transferido pelo poder familiar tornando a televisão agente poderoso de socialização, como já discorremos no segundo capítulo desse trabalho.

Mas a pergunta que ressoa deve ser: como essa influência se dá negativamente no desenvolvimento religioso? O problema não está propriamente na televisão como canal

de comunicação, mas sim em seu caráter formador frente a estrutura do desenvolvimento da criança. Isto é o que torna nosso ponto de vista mais crítico mediante as atuais pesquisas.

Por exemplo, as pesquisas sobre a violência analisam apenas o resultado das ações das crianças após assistir em cenas de filmes violentos. Observando a criança apenas do ponto de vista ambiental, deduzimos que se uma criança já possui um histórico deste tipo de violência em sua comunidade ou família, ou ainda vier a ter, haverá reflexo evidente, como consequência de ação e reação em sua vida. É esta criança que transporá o que foi assistido para sua sociedade. Na teoria de campo, apresentada por Kurt Lewin, a televisão vai ser um estímulo, mas a criança pode responder de maneiras diferentes a este estímulo. As crianças que não recebem a informação sobre violência dentro do seu ambiente de desenvolvimento dificilmente adotarão comportamentos violentos. Ainda que ela transponha isso para um boneco de borracha, raramente terá caráter violento com sua sociedade, pois os valores familiares e sociais recebidos são opostos a maioria das informações televisivas. A criança necessita que a verdade televisiva seja reafirmada, para então pô-la em prática. Se os conceitos familiares forem mais fortes, e tiverem reafirmações sociais, os filmes violentos não surtirão efeito, a menos que através da repetição contínua eles absorvam força.

A religião perdeu seu papel de orientadora e passou a ser questionadora da relação criança-mundo. É mais fácil, para ela culpar a mídia do que assumir a responsabilidade pessoal na má formação dos valores dos indivíduos.

O objetivo da religião é dar uma direção espiritual à criança. Para tanto, é preciso que desde pequena, ela tenha a noção de um ser superior pessoal. Isto a auxiliará no aprendizado das regras de comportamento.

A socióloga Elna Cres afirma que os três valores básicos passados pela religião são o ensino da divindade e da origem, o propósito da vida e o conceito da morte. “Estes três pontos não podem ser passados pelo lar, pelo estado ou pela escola. Esta é a função da religião. O socialismo de Marx tentou idealizar um estado sem religião, onde quem passava este conhecimento era o estado, mas não deu certo”¹.

A religião auxilia a família no comportamento moral, possuindo um papel muito importante no desenvolvimento da criança. O papel da família vai ser o de reafirmar os valores da religião. Mas o que vemos hoje é que a família não vem dando a devida atenção em reafirmar esses valores.

Em nossa pesquisa identificamos que pais de crianças não-adventistas se preocupam muito mais, no que a televisão vem passando para seus filhos, do que os pais adventistas. As crianças indicaram que 38% dos pais não adventistas assistem televisão ao lado dos filhos, enquanto apenas 17% dos pais adventistas foram indicados como possuindo esta prática.

Baseado em uma análise global visando uma perspectiva religiosa, Joe Wheeler denuncia os efeitos da televisão na vida da criança.

A criança que vê muita televisão tende a ser menos pronta a seguir instruções ou escutar conselhos... é mais agressiva e tende a achar que essa agressividade é natural e

¹ Elna Cres, “Sociologia da Religião”, entrevista concedida a Danielson Roaly em 15/04/2004, duração 15 minutos.

de se esperar dela... Tende a ter um sistema de valores desordenado e é prejudicada por uma noção distorcida do que é correto ou errado... é sexualmente permissiva. Em vez de adotar a orientação da família, da igreja ou da escola, imita as personagens da televisão e do cinema – até na linguagem, nos modos e no comportamento... Tem uma noção distorcida e aberrante da realidade e do mundo¹.

Hoje os valores religiosos são transmitidos pela televisão. Godawa ao fazer uma análise de filmes infantis afirma que até os mais simples estão permeados de conceitos anti-religiosos. Eles são passados como verdades que influenciam a criança.

“É verdade que as mensagens de alguns filmes são mais óbvias ou diretas do que as de outros, e alguns são mais simples ou menos preocupados com isso do que outros. Mesmo assim, todos os filmes comunicam valores e visões de mundo. Essa é uma questão de intensidade, não tem significado, na verdade, estão carregados de fortes mensagens e visões de mundo”².

Godawa vai mais longe. Ele afirma que um filme não precisa ter uma mensagem ou maneira de ver o mundo detectado pelo público.

“Não é preciso que o público esteja consciente de que um filme está comunicando uma mensagem ou maneira de ver o mundo. A criação de uma história leva o espectador a ter experiências dramáticas e passar a ver as coisas do modo como os roteiristas querem que ele as veja”³.

Para ele as pessoas podem até não classificar suas crenças filosóficas segundo sua nomenclatura acadêmica: metafísica (realidade), epistemologia (conhecimento) e ética (moralidade). Mas mesmo assim, elas agem baseadas nessas crenças.

Quando uma criança vê um filme de animação com o *Shrek*, provavelmente não conhece as teorias de Carl Jung sobre os tipos psicológicos e o inconsciente coletivo, mas acaba ingerindo essas teorias, quando vê os personagens na tela e acompanha a história adaptada segundo o modelo junguiano.

¹ Joe Wheeler, *Comando a distância: como a tv o afeta a si e à sua família* (Portugal: Atlântico, 1997), 99.

² Brian Godawa, *Cinema e fé cristã* (Viçosa-MG: Ultimato, 2004), 42.

³ Idem, 46.

Todos agem baseados em uma filosofia de vida, uma visão de mundo, que define para a pessoa a maneira como o mundo funciona, como ela vê as coisas e de que modo deve se comportar¹.

Televisão Espiritualista

Comprendemos que a televisão de maneira geral, apresenta a religião como uma grande gnose que se reflete no real, onde Deus está por toda parte. Logo há ausência de uma verdade objetiva e de um Deus pessoal.

Para a criança, a noção de um ser superior, que não possui uma verdade objetiva, se reflete em seu comportamento, através da noção de que não existe uma verdade absoluta, portanto todas as leis podem ser relativizadas, reforçando noções como da “mentira branca”.

Sob essa influência muitas religiões deixaram a doutrina de lado e se dirigiram às emoções do homem. Este é o cerne da sociedade pós-moderna, a busca por prazer. O objetivo deixou de ser a salvação e passou a ser a busca do prazer e da cura corporal. Essa tendência panteísta pode ser vista nas informações transmitidas pela televisão. Deus deixa de ser pessoal e exterior ao homem, para se tornar imanente. A fim de encontrar Deus, devo buscá-lo no meu interior, através da meditação onde está a minha divindade. As noções de regras e leis passam a estar nos próprios indivíduos.

Por sua vez, a gnose afirma que tudo que vemos é apenas uma ilusão, pois são manifestações de um todo energético de que o homem faz parte. Tudo é uma imagem, tudo é irreal.

¹ Idem, 61-62.

A televisão causa uma superexcitação da sensibilidade, apagando a vontade religiosa. O indivíduo permanece passivo diante das centenas de cenas que se sucedem e, pela velocidade das mesmas, não exercita sua capacidade intelectual, apenas recebe um universo de sensações desordenadas e imagens que já vêm prontas. O mundo passa a ser visto como algo que não oferece nenhum desafio ou interesse¹.

A principal influência da televisão, todavia, não é apenas o conteúdo do que é transmitido, mas a maneira de transmitir. De forma geral, além de limitar a inteligência, a vontade e a sensibilidade da criança, ela tende a conferir uma visão de um mundo sem regras gerais e sem fronteiras. A televisão afirma que todas religiões estão certas, sendo distintas apenas pelas necessidades de cada indivíduo.

Esta influência faz a televisão ocupar de forma não racional o papel de líder espiritual dentro da família. Ela reafirma valores que ela mesma cria. A sociedade por sua vez também contribui para a afirmação destas informações através de suas buscas existencialistas.

No momento em que a realidade fica menos importante de que a fantasia, ou mesmo começa a se confundir com ela, é o momento em que a gnose começa a crescer. O mundo físico, suas fronteiras, seus dogmas e suas verdades são ilusões.

O isolamento produzido pela Pós-modernidade vai encontrando eco na tecnologia, que facilitando mais ainda a "auto-suficiência" de cada um, cria um mar em volta de uma ilha².

Por influência da televisão a criança vai buscando isolamento. Ela acredita que terá mais diversão sozinha. Quando não tem o que fazer, é na televisão que ela encontra distração, começando a ser auto-suficiente em suas necessidades relacionais. Não

¹ Frederico R. A. Viotti, "Origem e fundamento da mística pós-moderna".
[Http://www.angelfire.com/id/Viotti/PosModern.html](http://www.angelfire.com/id/Viotti/PosModern.html), disponível em 20/09/2005.

² Ibidem.

precisando mais se relacionar com as pessoas ao seu redor, a criança não terá a necessidade de um Deus, pois ela tem a TV.

Nossos meios de comunicação já nos trazem modelos prontos e acabados, não nos permite discutir ou alterar. A mídia traz tudo “certinho”, como devemos ser, o que podemos querer, do que devemos temer. As diferenças naturais, as deficiências das pessoas são tratadas pela mídia de maneira assistencial onde prega a ajuda ao coitadinho, a tolerância aos infelizes. Na televisão a imagem precede a fala e antecipa o sonho, corrompe o imaginário criativo¹.

Estes modelos possuem o poder mutacional das verdades televisivas. Podendo ser modelar a diversas teorias. A televisão se torna o que se poderia chamar de “educador perfeito”, mas que está sendo manipulado de maneira negativa. Quem a manipula não tem noção das conseqüências disso.

Nancy Larrick², afirma que os efeitos padronizam as crianças de forma geral em algumas características:

1. As crianças tem uma capacidade muito reduzida de fixar a atenção.
2. Parecem dar-se bem com o barulho, o conflito e a confusão.
3. São muito mundanos em suas opiniões e atitudes.
4. Têm pouco respeito pelos adultos.
5. Encaram a escola como uma coisa descabida e um castigo.
6. Estão cheios de hostilidade ou de medo – e são propensos a resolver tudo por meio da violência.

¹ Adelaide Consoni, “A influência da mídia no Imaginário Infantil”.
[Http://paulo-v.sites.uol.com.br/textos/img9.htm](http://paulo-v.sites.uol.com.br/textos/img9.htm), disponível em 05/04/2005.

² Nancy Larric, Children of TV, in: Joe Wheeler, Comando a distância: como a tv o afeta a si e à sua família (Portugal: Atlântico, 1997), 117.

7. Não dormem horas suficientes e, além disso, dormem mal.
8. São propensos a rejeitar as normas de bom relacionamento entre as pessoas.
9. Não gostam de colaborar com os outros.
10. São antidemocratas, e têm preconceitos acerca das minorias.

Wheeler ainda condena o método educacional que adotamos freqüentemente:

Os nossos filhos nascem em casas onde o televisor fica ligado durante sete horas por dia. Começam a ver televisão ainda bebês. A maior parte das histórias que ouvem não lhe são contadas pelos pais, nem pela igreja, nem pela escola, nem por vizinhos. São-lhes contadas por uma mão-cheia de conglomerados econômicos interessados em vender os seus produtos. Isso tem um efeito tremendo... Nunca houve o tipo de brutalidade especializadamente cartografada que temos hoje¹.

Aplicando a Teoria Cognitiva

Maior relevância encontra nossa pesquisa, quando aplicamos a influência da televisão no aspecto religioso à teoria cognitiva. A televisão apresenta o desenvolvimento da aprendizagem como soluções de sucessivos problemas. Os problemas básicos que a religião busca resolver são os já citados: noção de divindade e da origem, o propósito da vida e o conceito da morte.

A criança necessita de respostas. A televisão as dá. Mas não como é de fato a compreensão religiosa. Através da televisão a criança desenvolve explicações para a sua compreensão.

Em seu desenvolvimento a criança sente necessidade das noções que a religião pretende transmitir. No processo de coletar informações que supram tais necessidades ela

¹ Wheeler, 99.

está em grande parte do seu tempo à frente de uma televisão. A televisão por sua vez apresenta possíveis soluções. Estas soluções não são impostas, pois elas precisam ser reafirmadas pela sociedade, porém está disponível em maior quantidade do que a criança necessita para sua escolha.

A religião também tem a oportunidade de transmitir seus valores. Após isto a criança selecionará as possibilidades que mais próximo solucionam suas necessidades. A partir desta escolha ela coloca a hipótese de solução em prática e racionaliza a solução para que numa próxima necessidade essa solução seja colocada em prática de forma aprimorada.

Esta estrutura é apresentada por John Dewey, mas ela também tem grande significado quando aplicamos a teoria de Jean Piaget. Para Piaget, o desenvolvimento é formado por estímulos impulsivos do ser humano que reduzem as incertezas. A televisão trabalha exatamente neste ponto, despertando os impulsos através das sensações.

Transmite ao imaginário infantil a sensação de medo e dependência, a solução grosseira e absurda pela violência. A nossa civilização nos faz coitados, a mídia torna a criança insignificante, frágil, patética, dirige a sua vida desta forma, para isto ela precisa de um salvador e crescemos assim, temendo ver a nossa insignificância arranhada, toda a nossa fragilidade exposta e a nossa vida correndo riscos. Destruída a condição natural e inequívoca da criança, lhe aparece o salvador, ele se apresenta, exhibe suas qualidades e a seduz, mesmo que para isto seja necessário se prostituir, vestir a pele de carneiro coitadinho, para esconder a sua verdadeira identidade de Lobo predador¹.

Marilena Chauí apresenta as emoções encontradas no comportamento humano como recebendo influências do meio, este meio que para nós se aplica à televisão, é reafirmado por ela:

¹ Consoni, <http://paulo-v.sites.uol.com.br/textos/img9.htm>, disponível em 05/04/2005.

Nossos sentimentos, nossas condutas, nossas ações e comportamentos são modelados pelas condições em que vivemos (família, classe e grupo social, escola, religião, trabalho, circunstâncias políticas, etc). Somos formados pelos costumes de nossa sociedade, que nos educa para respeitarmos e reproduzirmos os valores propostos por ela como bons e, portanto, como obrigações e deveres. Dessa maneira, valores e deveres parecem existir por si e em si mesmos, parecem ser naturais e intemporais, fatos ou dados com os quais nos relacionamos desde nosso nascimento: somos recompensados quando os seguimos, punidos quando os transgredimos¹.

Na teoria do condicionamento de Skinner, podemos afirmar que a televisão encontra o estímulo que leva o indivíduo a ter respostas orgânicas determinadas. Por isso ele condiciona a pessoa a ter determinadas atitudes mediante a apresentação de certas cenas. Isso é comum em programas que tem o objetivo de fazer a pessoa chorar ou a pessoa rir e em propagandas de consumo, por exemplo.

Em Piaget a assimilação acontece através da aplicação das experiências que a criança teve em sua relação com a televisão para cada nova situação; isto faz com que ela incorpore novos elementos aos seus esquemas assimilados a cada nova experiência, realizando assim o processo de adaptação, assimilação e acomodação na construção do novo conhecimento.

Toda vez que a criança se depara com um novo problema, ela selecionará experiências já organizadas em soluções de problemas similares anteriores, condicionada a determinada ação e liberadas através de estímulo. Portanto, a televisão influencia a criança nesta etapa da vida, no momento em que ela está tendo suas primeiras experiências, fato este que a acompanhará durante toda sua vida. A televisão sendo uma força negativa, é uma cicatriz que gera conseqüências para toda existência do ser humano.

¹ Marilena Chauí, *Convite à Filosofia* (São Paulo: Ática, 1999), 340.

No período de latência, apresentado por Freud, a televisão possuirá uma força muito grande, pois nessa fase o indivíduo quer se adaptar a sua sociedade. Ele não quer ser diferente, quer se igual a todos, quer ter as mesmas condutas. Se, por ventura, a televisão falar que todos creiam ser a religião desnecessária, a criança vai aprender esta informação, para se sentir incluída em um grupo social. Em Piaget, essa é a compreensão social do período operatório.

Por outro lado, a criança pode ao longo de sua vida reorganizar esses valores. Mas devemos lembrar que ela deve antes entendê-los como falsos, para então assimilar os novos valores. Ainda neste questionamento a televisão tem também essa oportunidade, a de incentivar a reorganização de valores pela criança. Este processo de acomodação que reorganiza e modifica os esquemas assimilatórios anteriores para ajustá-los a uma nova experiência. O comportamento de mudança exige programação televisiva selecionada e exercício de reflexão e criticidade do telespectador infantil. Quem o ajudará a separar o construtivo do destrutivo?

Aplicada à religião, essa influência se dá nos aspectos teológicos de compreensão, mas se torna agravante quando olhamos as influências em sua conduta.

Consoni descreve bem as conseqüências dessa influência televisiva:

Insere-se a criança nos meandros de nossas frustrações, no interior de nossas intimidades para a busca daquilo que nossas capacidades se mostraram incapazes de realizar. A beleza física que queríamos ter. Apressa-se o seu crescimento, travestindo-a de adulto, projetando-lhe comportamentos e estados de espírito, que sempre esperamos de nós mesmos. Como também, prolonga-se a sua inocência, a sua aparência infantil com o intuito de nos preservar da aparência do envelhecimento. A presença da mídia na condução deste processo é fantástico. A garotinha que se expõe diariamente aos programas que lhe diz como fazer para se parecer com a bela e encantadora modelo da televisão, como deve fazer para ter o corpo e a agilidade de seu atleta predileto, como praticar o esporte da moda, como se manter inserida no

glamour de um cotidiano exigente porém gratificante, quando se parece ser aquilo, que se espera que possamos ser!¹

A televisão é um mentor espiritual que orienta a criança em sua vida de tele-dependência. Ela afirma que Deus é uma força, que pode até mesmo estar dentro do ser humano. Sendo a religião uma forma do ser humano se tornar Deus, ou passar por um processo de divinização. Este processo o torna uma pessoa melhor. A religião deve produzir prazer e satisfação e não limitação. A relação do ser humano com Deus passa a ser sensitiva.

A morte é apresentada não como o limite da vida, mas como um estágio superior. Existem muitas pessoas que são felizes na pós-morte, sentença a televisão.

Análise da Realidade Adventista

As pesquisas foram realizadas com 43 estudantes da 4ª série do ensino do fundamental do Colégio Unasp, uma escola particular de filosofia confessional Adventista. Dentre elas, aproximadamente 25% declaram-se como não adventistas. As demais descendem de um lar adventista, declarando professarem esta mesma religião.

Na pesquisa, identificamos que a média de assistência à televisão é de aproximadamente três horas por dia. Uma média que em um ano será de quase 1100 horas. Se a criança passar cinco horas na escola, durante cinco dias da semana, sem contar os 60 dias de férias escolares, ao fim de um ano ela terá assistido a 1000 horas de aula. Na igreja ela passará uma média de 470 horas. Isto, se ela for a três cultos semanais, numa média de

¹ Consoni, <http://paulo-v.sites.uol.com.br/textos/img9.htm>, disponível em 05/04/2005.

três horas por programação. Vemos que a televisão possui um papel importante na vida da criança, superando, escola, igreja e até família.

Pesquisa 1

As pesquisas indicaram algumas conclusões preocupantes. E outras conclusões sinalizam alerta. Muitos dados, porém, estão dentro da normalidade.

Dentre os dados normais estão:

- 100% das crianças sinalizaram gostar de suas famílias. Tanto adventistas como não-adventistas. Isso reflete a credibilidade e a importância que a família tem. Dentro da análise de confiança ocorreu uma pequena queda na porcentagem dentre os adventistas, dos quais 98% declaram confiar em seus pais. Esses 2% encaramos estar dentro das normalidades, devido a existência de muitas famílias não constituídas dentro da estrutura convencional, pai e mãe. Como esse não foi o objetivo de nossa pesquisa, não merece investigar o motivo dessa média.
- As crianças adventistas declaram gostar mais da escola do que os não-adventistas. Apenas 2% declararam não gostar, contra 50% dos não-adventistas. O índice de confiança também preocupa, pois em ambos os grupos ela está na faixa de 50% como os que confiam muito na escola. Os outros 50% confiam pouco ou não confiam.
- Os adventistas declararam gostar mais da sua religião, foram 91% contra 50% dos não-adventistas. Mas o índice de confiança está em bom nível. Estando em ambos os grupos acima de 90% os que confiam muito.
- Dos que gostam de televisão, existe um índice interessante; os que declaram gostar muito de televisão dentre os não-adventistas são menos que os adventistas.

Apenas 38% dos não-adventistas gostam muito de televisão, contra 62% dos adventistas. Um índice que vai ser explicado com a pergunta a respeito das pessoas que assistem televisão junto com elas, como veremos adiante. Dentre os não-adventistas, o índice dos que declaram não confiar na televisão também é maior, 62% contra 51% dos adventistas.

- Dentre os amigos, o grupo das crianças adventistas declaram em 93% gostar muito deles e 67% declaram confiar muito. Isso é positivo, eles estão sabendo se relacionar, mas pode também ser negativo no aspecto de reafirmar as verdades televisivas. Os não-adventistas demonstram números similares, 62% dizem gostar muito dos amigos, e os mesmos 62% declaram confiar muito nos amigos.

- Nos lares adventistas 49% das crianças declara possuir mais de um televisor, contra 2% que declaram não possuir nenhum. Já nos lares não adventistas o número é maior, todos os lares possuem televisão, e 88% possuem mais de uma.

- Os motivos que levam a criança a assistir televisão também preocupam. As crianças de ambos os grupos indicam como principal motivação a distração, logo seguido de não ter o que fazer. Esses dois motivos são importantes, pois ambos ocorrem quando a criança baixa seu nível de percepção crítica, tomando a postura de pura absorção. Quando é para diversão, ela tem uma análise crítica maior, pois dentro do que ela tem consciência, avalia se a diverte ou não, sendo isto um filtro para as informações que receberá.

- Os programas que elas mais gostam de assistir, são filmes, o que merece atenção, pois os filmes veiculados na televisão nem sempre são apropriados para a faixa etária dessas crianças. Sabemos que filmes infantis são minorias.

- Um índice muito bom é o do programa que elas não gostam de assistir.

Em primeiro lugar está a novela. Isso é bom, pois a novela trabalha com a fantasia e a realidade do cotidiano da criança. Mas o fato de em segundo lugar estarem os jornais é negativo. Pois ela não é ensinada a assistir televisão para aprender alguma coisa ou formar espírito crítico, nem perceber a contextualização dos fatos no mundo.

- Dentre as pessoas com as quais as crianças assistem televisão, possui uma distinção muito interessante entre as não-adventistas e as adventistas. As crianças não-adventistas declararam que 38% delas assistem televisão com os pais, tendo acesso a comentários críticos sobre sua programação, fator importante na construção de valores. Só 17% receberiam influência dos pais na formação do pensamento crítico da criança entre os adventistas. Sendo que 44% delas declaram assistirem sozinhas.

Pesquisa 2

Por ser uma pesquisa aberta, na qual a criança descreve sua opinião, nosso objetivo não foi avaliar o nível de conhecimento delas, mas sim buscar identificar alguns vestígios na influência da televisão em sua compreensão religiosa através das dúvidas, receios e confusões a respeito do assunto. Acreditamos que essa confusão ocorre pela fraca sedimentação dos conceitos religiosos na mente da criança. Por isso, não analisaremos as respostas de todas as perguntas, pois algumas não trouxeram nenhuma novidade, estando dentro da normalidade, mas outras indicam uma confusão generalizada.

- Todas declaram acreditar em Deus. Mas 21% das crianças declaram que às vezes ou com frequência sentem medo de Deus. Mesmo assim, todas disseram que gostam de Deus e têm vontade de vê-lo.

- Um dado que merece importante atenção é sobre a confusão da noção do relacionamento com Deus e o sentir a sua atuação nelas. As crianças demonstraram algum receio em afirmar isto, 30% delas, afirmaram que não sentem Deus nelas ou só às vezes.
- Outra confusão da noção desse relacionamento com Deus é que 52% das crianças afirmaram poder ver Deus dentro delas. Contra 48% que afirmaram verem às vezes ou não verem.
- O primeiro aspecto que merece ser citado é a dificuldade das crianças se expressarem com respeito aos assuntos religiosos. Falta fundamentação, elas poderiam ter dado respostas mais consistentes, é claro, dentro de suas limitações da infância.
- Algumas respostas chamaram muita atenção. A maioria das crianças buscou dar forma, dentro de características humanas à divindade de Deus. Isso é natural, com a proximidade com a qual elas deram essas características, podemos identificar que existe um nivelador de compreensão. Pois o natural seria dar características diferenciadas, como algumas até fizeram. Mas a maioria deu a característica clássica de um homem de cabelos longos e olhos claros.
- Duas respostas em específico, chamam atenção. A primeira indica que Deus tem uma forma física, não uma substância. Nisto identificamos a tentativa de espiritualizar, ou no mínimo ter como referência os fantasmas ou seres celestes apresentados pela mídia.
- A segunda resposta, foi a de uma garota que declara não assistir televisão, por isso alienada das noções típicas. Mesmo assim ela questiona se o que ela vê,

ou o que apresentam é realmente o que é. Nas palavras dela: “Não sei se Deus é do jeito que vejo ou leio, só no céu poderia dizer”. Essa conduta nos chamou atenção como boa referência.

- As crianças não-adventistas refletem mais o conceito televisivo a respeito de assuntos religiosos. Tendem a dar possibilidade a uma vida após a morte, como o fim da vida aqui neste mundo, mas com a possibilidade de uma vida posterior. Algumas caracterizaram isso como o purgatório, outras com o paraíso. Já as adventistas endossaram a compreensão da necessidade da volta de Cristo para uma ressurreição.

Resumo e Conclusões

Podemos perceber que, da mesma maneira que a televisão gera afastamento do elo familiar e desinteresse pela vida acadêmica, ela também destrói com a necessidade individual da criança de atribuir crédito aos valores religiosos. O problema não vai estar na televisão, como já afirmamos, mas sim na falta de pessoas comprometidas com esse desenvolvimento religioso. A família, a exemplo da escola, deixa para a igreja transmitir esses valores e não os reafirma dentro do lar.

O objetivo da religião é dar uma direção espiritual à criança. Mas a televisão desvirtua essa necessidade apresentando valores questionáveis que batem de frente com os valores básicos da religião que deveriam auxiliar a família no desenvolvimento do comportamento moral.

O efeito da influência da televisão em substituição ao papel da família se comprova na criança através das seguintes evidências:

- A criança tende a ter um sistema de valores desordenado e é prejudicada por uma noção distorcida do que é correto ou errado.

- Em vez de adotar a orientação da família, da igreja ou da escola, imita as personagens da televisão e do cinema – até na linguagem, nos modos e no comportamento.

- A ausência de uma verdade objetiva destrói a noção de um Deus criador da verdade absoluta.

- A criança vai valorizar a busca pelo prazer, não se submetendo a algumas restrições de uma vida comprometida com os valores religiosos.

- A religião passará a ter um conceito de ilusão. Algo místico.

- A televisão apagará a vontade religiosa.

- A televisão passará a ocupar de forma não racional o papel de líder espiritual para a criança.

Acreditamos que as pesquisas foram apenas elucidativas, pois os esforços empregados nela, para que chegássemos a conclusões específicas necessitaria ser pluridimensionais e interdisciplinares. Isto exigiria muito mais tempo do que o disponível.

Para justificarmos a validade da mesma, citamos as conclusões de Cristian Toloza:

Estamos de acordo com Cristian Toloza quando sugere que a pesquisa sobre crianças e TV deve apresentar características pluridimensionais, interdisciplinares e transdisciplinares. Tais características são desejáveis e viáveis, mas na prática acadêmica, muitas vezes, não é simples dar andamento a tais metodologias. Tais caracterizações, alias, não são simplesmente “metodológicas”, porque implicam diferentes formas de aprender os objetos sociais – os motivos são diversos e não constituem objeto do presente trabalho¹.

¹ Macleinmont, 22.

CONCLUSÃO

A nossa proposta, de compreender como ocorre a influência da televisão na relação criança-religião, conclui que os efeitos televisivos influenciam e afetam no desenvolvimento religioso da criança.

Nosso objetivo geral foi demonstrar que a televisão é um agente de socialização que atua fortemente nas falhas dos demais agentes sociais. Esta falha é principalmente, o não comprometimento da família com a educação e com o desenvolvimento da criança. Pois a televisão vem exercendo o papel de socialização que a própria família deveria exercer, o de mediar a relação criança-sociedade, criança-escola e criança-religião. Tal mediação ocorre através da reafirmação ou questionamento dos valores transmitidos por essas agentes sociais.

Acreditamos serem válidos muitos dos resultados das pesquisas tradicionais, devido à dificuldade de investigação científica que esta área apresenta, mas questionamos a metodologia, por serem tais pesquisas, em grande parte, apenas experimentais.

A relação criança-televisão foi questionada nos seus efeitos, verificando-se o afetamento no desenvolvimento religioso da criança pelo fato dos valores transmitidos pela religião não possuírem crédito no âmbito familiar. Isto ocorre pela falta de reafirmação dos mesmos. Diante destas conclusões definimos que a televisão interfere e afeta no desenvolvimento religioso da criança por causa da não sedimentação dos valores religiosos na mente da criança, pela família, escola e igreja.

Especificamente buscamos demonstrar que o problema não está propriamente na televisão como canal de comunicação, mas sim nas diversas fases que se estrutura o desenvolvimento da criança, onde a religião perdeu seu papel orientador e passou a ser questionador da relação criança-mundo.

Concluimos que, pelo fato da criança acreditar que ao ver televisão a verdade é irrelevante, mas o que realmente importa é se ela está sendo ou não entretida, atribui a própria TV a autorização para a manipular. Este fato se dá porque a criança não desenvolveu sua mentalidade crítica, e não tem ninguém ao seu lado que faça isso por ela, ocorrendo a atribuição de pouco valor ao conteúdo televisivo. Nas palavras de Marshall McLuhan: “o meio é a mensagem”.

Dentro da perspectiva religiosa essa influência se dá na noção da necessidade de um relacionamento da criança com Deus, pois a televisão acaba passando que Deus está dentro do próprio indivíduo. A criança terá uma visão espiritualista da religião. Ela estará susceptível a compreender a vida após a morte como uma realidade mística, e aceitar facilmente a reencarnação e, portanto, o espiritismo.

A influência da televisão questionará os principais objetivos sociológicos da religião, colocando-a como questionadora e não orientadora desses valores.

O caminho não será abdicar do uso total e completo da televisão, pois já afirmamos que o problema não está nela propriamente dito, mas na constituição da estrutura do desenvolvimento psicológico da criança através da falha das instituições que deveriam transmitir valores adequados, nas diversas fases de sua formação.

A família, por não estar exercendo seu papel de forma coerente, permite que a televisão mine toda a estrutura de desenvolvimento cognitivo da criança, criando assim uma sociedade televisiva que possui uma inteligência televisiva e é regida por normas televisivas.

Propomos, para a solução, deste problema algumas práticas simples, que o mundo atual de maneira geral ignora, mas que a família religiosa deveria adotá-las:

- Volta ao lar da família, onde os pais necessitariam exercer seu papel educacional.
- Estudo sobre influência da mídia por pais sem orientação adequada.
- Desenvolvimento da mentalidade crítica a respeito da televisão, ensinando-a sempre a questionar o que está sendo passado, com o que foi lhe ensinado.
- Assistir junto com a criança a programas adequados. Proibindo-as de assistir outros programas menos adequados.
- Propor alternativas de atividades para divertir e ocupar a criança.

Principalmente atividades que saiam do ambiente da casa ou da sala, e que sejam realizadas em família.

- Acompanhar a criança em seus estudos, buscando sempre saber como está seu relacionamento com as outras crianças.
- Acompanhar a ida da criança à igreja, onde ela receberá os valores religiosos.
- Reafirmar os valores da escola e da igreja no próprio lar, através de exemplos dos pais e de conversas que abordem os assuntos apresentados.

Essas dicas acima, não apenas solucionarão os prejuízos ocorridos no desenvolvimento da criança, pois os pais terão contato com as questões, nas quais a criança foi influenciada negativamente, como também evitará que novas influências externas ao lar possam minar a educação e o desenvolvimento dela. Isto também solucionará os problemas que fortemente vêm sendo trazido às mentes cada vez mais céticas das crianças.

Um ponto importante a elucidar é a dificuldade de se chegar a compreensões sobre o assunto através de pesquisa escrita. Acreditamos que, para uma continuidade ou uma ampliação destas conclusões que aqui chegamos seria ideal entrevistar de maneira mais pessoal as crianças, observando suas expressões e compreensões de maneira mais livre, podendo ser feita uma análise mais substancial de suas percepções.

Isto não desconsidera as conclusões as quais chegamos, mas fortalece-as abrindo possibilidades de aprofundamento das idéias aqui apresentadas, uma vez que nosso objetivo foi o de entender as freqüentes respostas negativas na conduta das crianças entrevistadas, assim consideradas por serem contrárias ao modelo religioso apresentado ou imposto pela família as crianças.

Esperamos contribuir com nosso estudo e pesquisa, na formação do novo caminho a ser trilhado por famílias na recondução da criança em sua religiosidade, colocando Deus no lugar de Deus e a televisão no lugar que lhe possa ser atribuída, sem prejuízo na formação da criança nem em suas relações sociais. É preciso usar a televisão com todo potencial que ela oferece de formação consciente e crítica. Separar o útil do inútil – eis a dualidade a aprender no dia-a-dia com a televisão.

ANEXO 1 (CRIANÇAS NÃO ADVENTISTAS)

Gráfico 1

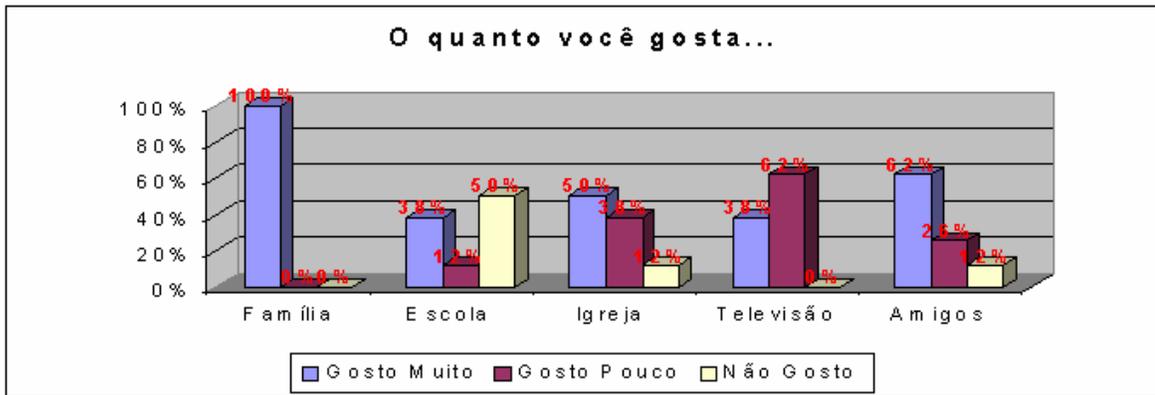


Gráfico 2

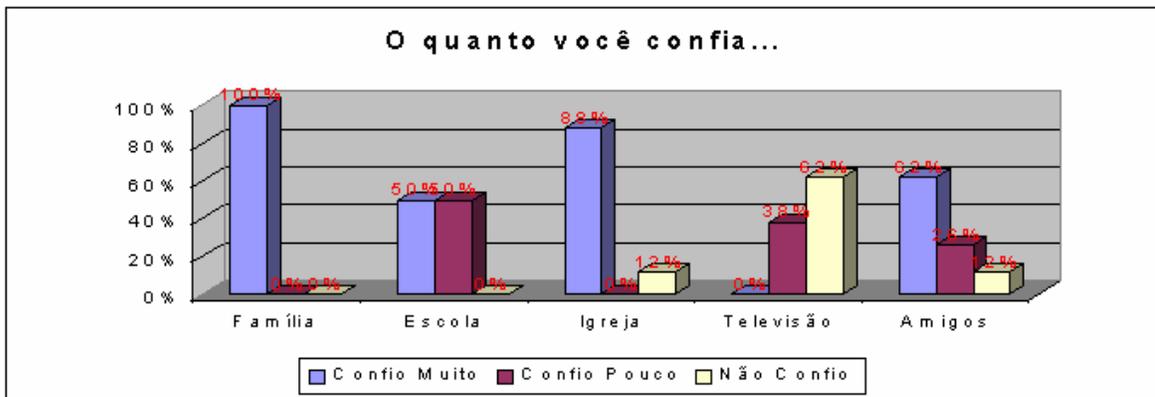


Gráfico 3

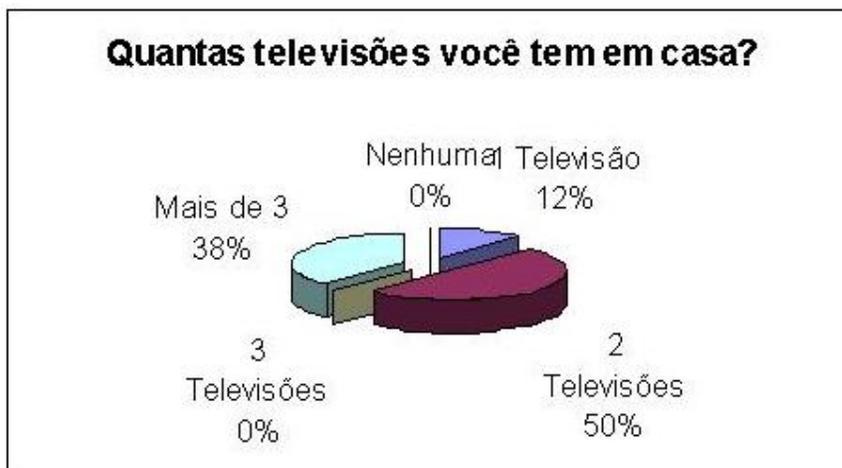


Gráfico 4

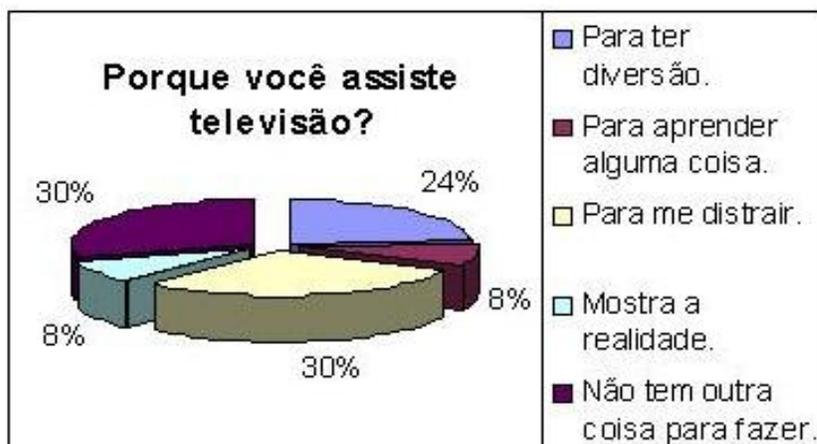


Gráfico 5



Gráfico 6



Gráfico 7



ANEXO 2 (CRIANÇAS ADVENTISTAS)

Gráfico 1

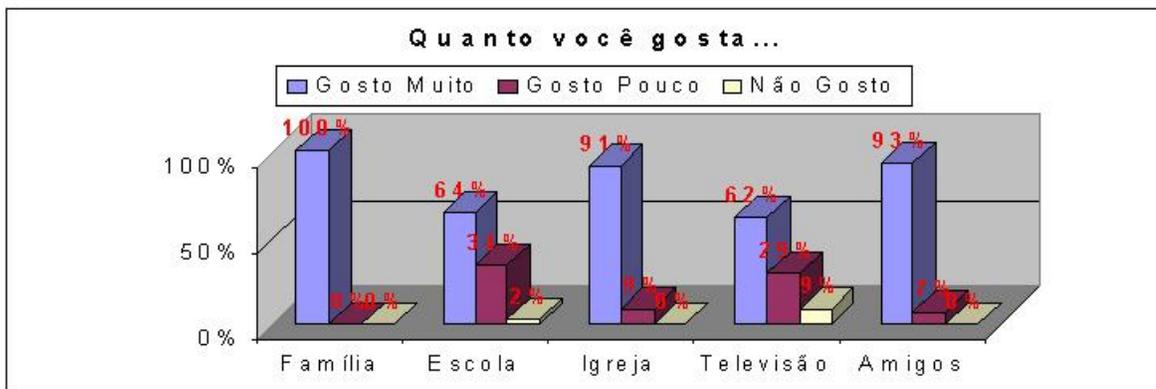


Gráfico 2

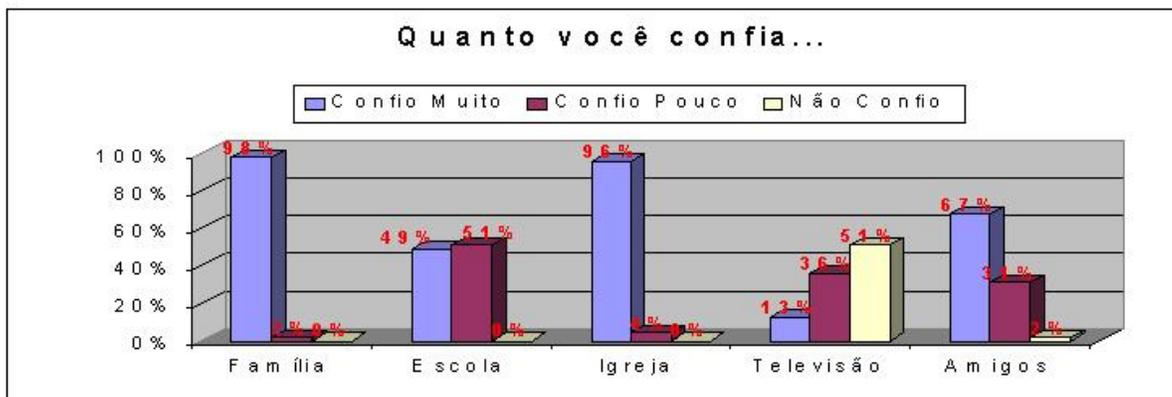


Gráfico 3

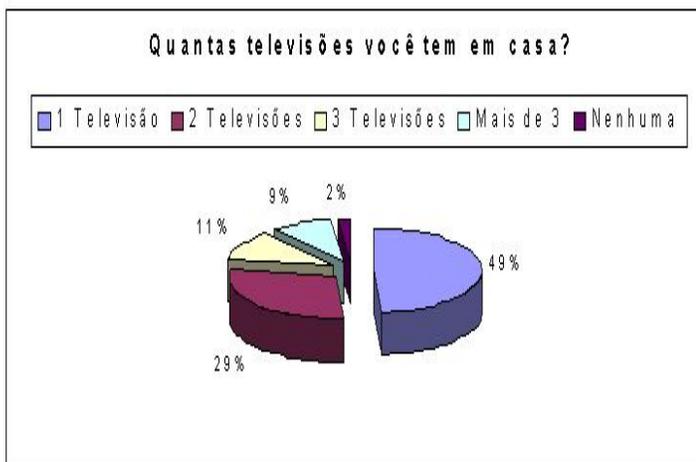


Gráfico 4

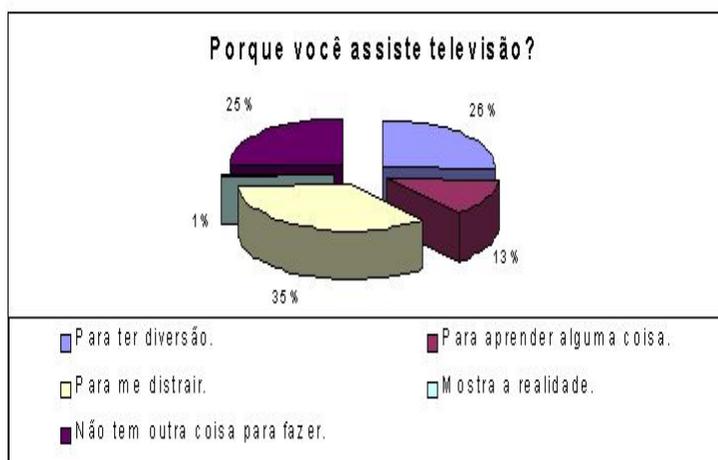


Gráfico 5



Gráfico 6

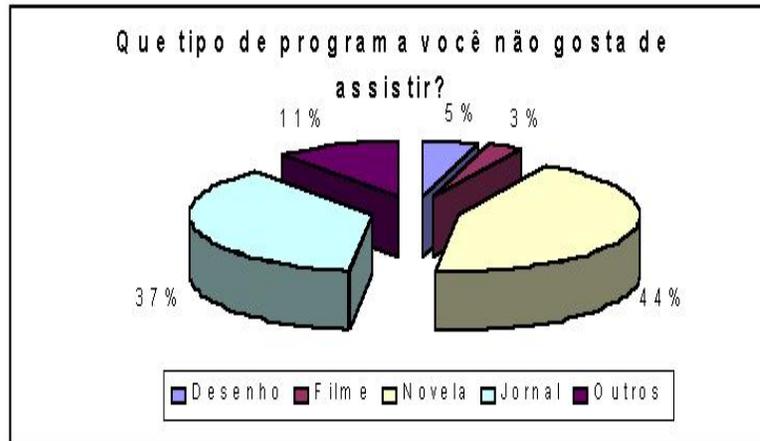
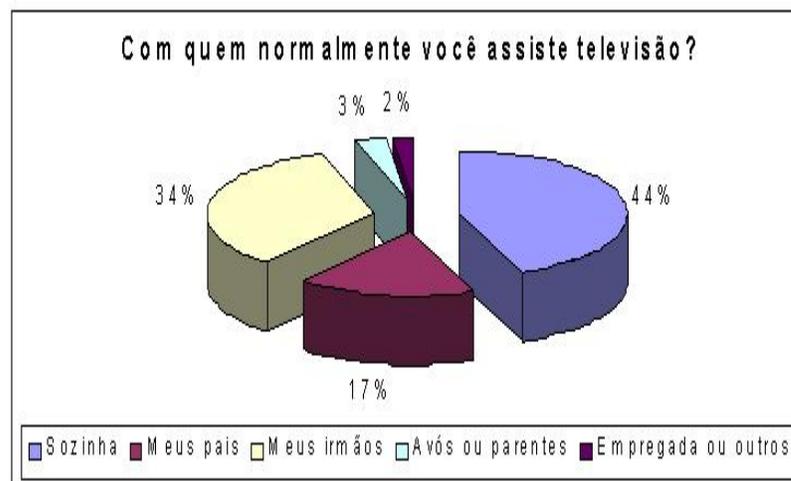


Gráfico 7



ANEXO 3

ANEXO 4

BIBLIOGRAFIA

- BOUTIN, Renata. “Tv, criança e irresponsabilidade social”. [Http://www.contexto.com.br/artigorenataboutin.htm](http://www.contexto.com.br/artigorenataboutin.htm), disponível em 06/06/2005.
- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BRASIL, Antonio. “O poder das imagens e o futuro da TV”. [Http://www.ietv.org.br/pensar_tv_artigo.php?id=299](http://www.ietv.org.br/pensar_tv_artigo.php?id=299), disponível em 20/06/2005.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1999.
- CHINOY, Ely. *Sociedade: uma introdução à sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- CONSONI, Adelaide. “A influência da mídia no Imaginário Infantil”. [Http://paulo-v.sites.uol.com.br/textos/img9.htm](http://paulo-v.sites.uol.com.br/textos/img9.htm), disponível em 05/04/2005.
- CRES, Elna. “Sociologia da Religião”. Entrevista concedida a Danielson Roaly em 15/04/2004, duração 15 minutos.
- FAW, Terry. *Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência*. São Paulo: Mcgraw-Hill, 1981.
- FILHO, Ciro Marcondes. *Televisão: a vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1988.
- GODAWA, Brian. *Cinema e fé cristã*. Viçosa-MG: Ultimato, 2004.
- Haidt, Regina C. C. *Curso de didática geral*. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- KEHL, Maria Rita. “Imaginário e Pensamento”. In: Mauro Wilton de Souza. *Sujeito: o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LANE, Silvia. “As categorias fundamentais da psicologia social”. In: Codo, Wanderley e Silvia Lane (orgs). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LARRIC, Nancy. *Children of TV*. In: Joe Wheeler. *Comando a distância: como a tv o afeta a si e à sua família*. Portugal: Atlântico, 1997.
- LOBO, Luiz. *Televisão: nem babá eletrônica nem bicho-papão*. Rio de Janeiro: Lidador, 1990.

- MACLEINMONT, Sergio Ricardo Q. “*Televisão e crianças – novas perspectivas de relação*”. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. XXV, nº 1, janeiro/junho de 2002.
- MATOS, Margarida. *Corpo, movimento e socialização*. Rio de Janeiro: Sprint, 1993.
- MILCARE, Luciana. “Redescobrimo o Papel das Emoções”. [Http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003_redescobrimo_papel_emoco.es.pdf](http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC_2003/2003_redescobrimo_papel_emoco.es.pdf), disponível em 21 de outubro de 2005.
- OLMOS, Ana. “O aprendizado pela TV”. Entrevista feita pelo revista do IDEC. [Http://www.idec.org.br/rev_idec_texto2.asp?pagina=2&ordem=2&id=99](http://www.idec.org.br/rev_idec_texto2.asp?pagina=2&ordem=2&id=99), disponível em 28 de setembro de 2005.
- PILLETI, Nelson. *Psicologia Educacional*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- VIOTTI, Frederico R. A. “Origem e fundamento da mística pós-moderna”. [Http://www.angelfire.com/id/Viotti/PosModern.html](http://www.angelfire.com/id/Viotti/PosModern.html), disponível em 20/09/2005.
- WHEELER, Joe. *Comando a distância: como a tv o afeta a si e à sua família*. Portugal: Atlântico, 1997.
- WHITE, Ellen G. *Conselho sobre educação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992.
- _____. *O Lar Adventista*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989.

Dou glórias a Deus pelos resultados obtidos neste trabalho. Dedico o mesmo aos meus pais, irmãos e minha namorada. Ofereço também aos colegas dos cursos de Comunicação Social (Publicidade e Jornalismo) e também aos amigos do Teológico. Agradeço a todos os professores, em especial Prof^ª. Jaciléia Botelho, pelas orientações, e a todos os que contribuíram para elaboração do presente. Merece ser ressaltado o trabalho do meu orientador, Prof. Vanderlei Dorneles, que teve paciência por dois longos anos até o trabalho ser concluído, sempre me motivando. Obrigado!

“Quando existe a faculdade crítica, a história não é mais um livro de romance; os oradores e as publicações perdem a infalibilidade; a eloquência não substitui o pensamento, nem as afirmações corajosas ou as descrições coloridas ocupam o lugar de argumentos”.

Antonio Gramsci

SUMÁRIO

SUMÁRIO	iv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULOS	
I. O DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO DA CRIANÇA	5
Conceituando Psicologia do Desenvolvimento	5
O desenvolvimento e seu ambiente	6
Natureza de desenvolvimento	6
Teorias do Desenvolvimento	7
Teoria de Aprendizagem	8
Teoria cognitiva	8
Teoria de condicionamento	10
Teoria de campo	10
Fases do Desenvolvimento	10
Jean Piaget e o desenvolvimento	12
Resumo e Conclusões	14
II. A SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA E SUA RELAÇÃO COM A TELEVISÃO	16
Agentes de Socialização	16
O papel da escola na socialização da criança	18
O papel da sociedade na socialização da criança	20
Processo de Aprendizagem sob Influência da Televisão	23
Resumo e Conclusões	28
III. A INFLUÊNCIA DA TELEVISÃO NO DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO DA CRIANÇA	30
Televisão Espiritualista	34
Aplicando a Teoria Cognitiva	37
Análise da Realidade Adventista	41
Pesquisa 1	42
Pesquisa 2	44
Resumo e Conclusões	46
CONCLUSÃO	48

ANEXO 1	52
ANEXO 2	55
ANEXO 3	58
ANEXO 4	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	60